



A arca de Zoe

Lá fora está a chover muito, muito.

— Mas que dilúvio! — diz a mãe.

— Nós temos sorte — diz o pai — aqui sossegados e no quentinho.

Zoe está à mesa com a irmã mais velha, Marina, o pai, a mãe, e o irmãozinho mais novo está sentado ao lado deles na cadeira alta, porque ainda é bebé.

Marina, que já vai à escola porque é grande, tem coisas importantes para dizer e, para as contar, usa frases compridas:

— Esta manhã, no recreio, o Mateus, sabes, o amigo do Frederico, aquele que tem uma camisola vermelha com o Zorro, bem, ele atacou a Maria, sabes, aquela que era minha amiga mas que agora já não é porque foi dizer à Clara, na piscina, sabes, ontem ao meio-dia, que as minhas meias cheiravam a queijo *Camembert* podre.

Zoe, que é mais pequena, pôs-se a rir. Ela não entendeu a história toda, só percebeu que uma menina tinha dito que as meias da Marina cheiravam a *camembert* podre. E isso dá-lhe vontade de rir.

— Não tem graça! — respinga Marina. — Pára de rir, Zoe, ou nunca mais falo contigo!

— É preciso mudar de meias todas as manhãs, querida! — é o conselho da mãe.

— Pois — resmunga Marina. — É o que eu faço. As minhas meias nem cheiram mal!

— Ora deixa ver — pede Zoe.

Marina tira a pantufa com um pontapé e poussa a perna em cima da mesa para pôr o pé debaixo do nariz de Zoe, que o fareja cuidadosamente.

— Não, não cheira a *camembert* podre. Só um bocadinho a *gruyère* ralado! — diz Zoe.

— Eh, Marina, onde é que pensas que estás? — resmunga o pai. — Porta-te bem à mesa, se faz favor. Vá, come.

Zoe bem gostava de contar montes de coisas apaixonantes, como a irmã, mas não sabe o quê. Então lembra-se de dizer:

— Hoje tive um sonho.

— Oh, que frase tão bonita que acabaste de dizer, minha querida. Um dia, uma pessoa importante disse a mesma coisa que tu...

— Eu também tive um sonho! Muitos, até! — disse Marina muito rapidamente, para não julgarem que Zoe era a única a sonhar na família.

E continua:

— Sonhei que estava uma banana descascada na banheira e que eu não conseguia agarrá-la porque ela escorregava como um sabonete!

Zoe desata a rir. O sonho da Marina é mesmo engraçado! A irmã mais velha tem sorte em ter sonhos daqueles.

Toda a gente se ri do sonho da Marina. Até o Leonardo lhe acha graça e ri às gargalhadas, batendo com a colher no prato para mostrar a sua boa disposição.

— Bem, vamos lá acalmar-nos! — disse a mãe, porque o puré do Leonardo está a borrifar tudo e as paredes não precisam de comer puré para crescer, ao passo que o bebé, sim.

— E tu, minha querida, com o que é que sonhaste? — pergunta o pai a Zoe.

— Com animais — diz Zoe, muito timidamente.

Ninguém se ri, evidentemente. Sonhar com animais é menos engraçado do que sonhar com uma banana numa banheira.

Zoe suspira. É pena que o seu sonho não faça rir ninguém.

— Que animais eram e o que é que estavam a fazer? — pergunta a mãe.

Zoe já não se lembra lá muito bem. Procura inventar qualquer coisa engraçada, qualquer coisa de extraordinário que cause espanto a toda a gente à mesa.

Mas não lhe vem nada à cabeça. E depois a Marina atrapalha-a um pouco porque diz:

— Eu sei! As vacas mugiam, as cabras baliavam, os leões rugiam, os patos grasnavam... e as galinhas... as galinhas cacarejavam!

Ela julga que sabe tudo, a Marina! Até sobre os animais do sonho de Zoe ela pensa que sabe! Mete uns nervos!

— Não! — diz Zoe. — O meu sonho não era nada disso. Tu não sabes porque nem sequer lá estavas. Só eu. Eu, e os animais, vês?

Isto faz calar o bico à Marina.

— Então o que é que os teus animais estavam a fazer, hã? Anda, diz lá, já que tu é que sabes! — ordena Marina.

De repente, Zoe tem uma ideia. E diz:

— Estavam a casar-se.

Silêncio em volta da mesa. Zoe pergunta-se se disse alguma asneira. Mas não. O pai disse:

— Devia ser bonito!

— Era — diz Zoe. — Era muito bonito. O Sr. Leão com a Sr.^a Leão, o Sr. Porco com a Sr.^a Porco, o Sr. Galinha com a Sr.^a Galinha, o Sr. Vaca com a Sr.^a Vaca...

— Queres tu dizer, a porca com o porco, o galo com a galinha, o touro com a vaca... — interrompe Marina.

— Não! — grita Zoe. — Está calada. Nem estavas no meu sonho, portanto não sabes!

E continua:

— Estavam os animais todos aos pares, em filhinha indiana a casar-se todos. E pronto. E só lá estava eu a ver.

E quanto mais pensa no que disse, mais Zoe se convence que sonhou mesmo com aquilo. Ela quase se lembra e até está a vê-los!

— E depois, esses animais todos para onde é que foram? — perguntou a mãe.

Naquele instante, Zoe interroga-se por uns momentos.

Depois diz:

— Foram, foram...

Marina sugere:

— Para o mar?

Zoe está tentada a dizer que sim. É lindo, um casamento no mar. Diz que sim com a cabeça e Marina está contente porque adivinhou.

— Sim — confirma Zoe. — foram para o mar.

— E lá — diz o pai — e baixa a voz para criar mistério — entraram para o barco da Zoe!

Zoe fica de boca aberta.

— Como é que soubeste? — pergunta Marina. — Tu também não estavas no sonho dela!

— Não estava — diz o pai — mas adivinho!

— Pois é, o pai adivinhou, tem esse direito! — proclama Zoe.

Marina amua um pouco.

— Se adivinho — diz o pai — é porque, um dia, há muito tempo, aconteceu uma história como esta. Os animais, para escaparem a um dilúvio bem pior do que este, entraram aos pares, o macho e a fêmea, para um barco muito bem fechado que vagueou durante muito, muito, muito tempo, quarenta dias e quarenta noites! Um barco maravilhoso a que se deu o nome de arca! E sabem como se chamava a pessoa que os fez entrar na arca?

— Noé! — grita Marina.

— Sim, Zoe! — grita Zoe encantada.

— Quase! — o pai ri-se.

— Quase.

— Então a Zoe copiou o sonho! — resmungou Marina. — Já alguém o tinha sonhado.

Zoe sente-se um pouco triste.

— Não é verdade! — diz ela.

— Ora — diz o pai — ninguém sonha o mesmo sonho de outra pessoa, é impossível.

Mas, por vezes, talvez, ao longo de muito tempo, os sonhos se juntem. Talvez...

Continua a chover.

— Não vamos poder ir brincar para o jardim público — lamenta-se Marina.

— Não — diz a mãe — não vão poder, mas não importa. Inventem uma brincadeira engraçada para fazer em casa.

— Não — diz Marina amuada. — Não vamos encontrar nada de engraçado para fazer em casa. O único divertimento vai ser ficar aborrecidas.

Mas Zoe tem uma ideia.

— Eu vou fazer a arca debaixo da mesa.

— A arca de Noé?

— Sim, a arca de Zoe — responde Zoe.

— Eu vou ajudar-te — decide Marina.

Zoe vai ao quarto. Pega no urso de calças e Marina pega no dela, que tem uma saia, e sentam-nos debaixo da mesa, que está coberta por uma toalha e faz dela uma ótima arca secreta.

— O Sr. Urso e a Sr.^a Ursa! — exclama Marina.

Voltam ao quarto e pegam numa mota e num camião pequeninos.

— Vamos lá, Sr. Camião! Para o barco com a Sr.^a Mota!

E metem ainda uma Barbie com o Super-Homem e um balão com uma bolinha.

E a seguir, vão procurar por toda a casa outras coisas para casar e levarem para a arca de Zoe:

O Sr. Pente e a Sr.^a Escova;

O Sr. Sapato e a Sr.^a Chinela;

O Sr. Copo e a Sr.^a Chávena... de café;

A Sr.^a Garrafa e o Sr. Frasco de perfume;

O Sr. Pijama e a Sr.^a Camisa de dormir;

A Sr.^a Mostarda e o Sr. Ketchup;

A Sr.^a Bolacha e o Sr. Biscoito de chocolate!

Leonardo também aparece com duas meias mal-cheirosas.

— Vai-te embora, Leo, que isso cheira mal! — diz Marina a reventar de riso.

— Não quero isso na minha arca! — protesta Zoe. — Vai-te embora, Leo!

A mãe tira-lhe as meias.

De gatas, Leonardo tenta entrar na arca. Desarruma um pouco as coisas, senta-se em cima do Sr. Ketchup, entorna a Sr. Garrafa.

— Papá, mamã! — gritam Marina e Zoe. — Venham buscar o Leo, está a aborrecer-nos!

— Então, meninas! — diz o pai. — Ainda há um lugarzinho na arca para o Leo!

— Não — diz Marina. — Já não há lugar, o barco vai sair

— Façam um esforço! — continua o pai.

As meninas pensam um pouco.

— Ele pode ficar — diz Zoe a Marina. — Ele é o Sr. Irmão e tu és a Sr.^a Irmã!

— Está bem.

— Leo! Ele está a comer o Sr. Biscoito!

— Então nós vamos ter de comer a Sr.^a Bolacha...

— Com *ketchup*... — acrescenta Zoe, mergulhando o seu resto de bolacha no *ketchup* que escorre por debaixo da mesa.

— Venham ver! — diz a mãe. — O sol já voltou!

As crianças põem todas a cabeça fora da arca para ver.

— Não haverá por acaso um arco-íris, meninas? — pergunta o pai.

Marina e Zoe correm para a janela. Esticam o pescoço para ver, mas não vêem.

— Não — diz Marina. — Não há.

— Sou eu que digo — diz Zoe. — Não, papá, não há.

— É pena — diz o pai com um sorriso. — Passamos bem sem ele.

— Mas no meu sonho havia lá um — afirma Zoe. — Com oito cores!

— Sete! — contradiz Marina.

— Oito! — berrou Zoe. — E cala a boca. Tu não estavas lá!

Jo Hoestlandt
L'arche de Zoe
Arles, Actes Sud, 2003
Texto adaptado